



UEPB

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CAMPUS I – CAMPINA GRANDE
CENTRO DE EDUCAÇÃO PAULO FREIRE
DEPARTAMENTO DE FILOSOFIA
CURSO DE FILOSOFIA LICENCIATURA PLENA**

MANOELLY RODRIGUES DA SILVA

***POR UMA MORAL DA AMBIGUIDADE: A LIBERDADE COMO FUNDAMENTO ÉTICO
EM SIMONE DE BEAUVOIR***

**CAMPINA GRANDE
2022**

MANOELLY RODRIGUES DA SILVA

***POR UMA MORAL DA AMBIGUIDADE: A LIBERDADE COMO FUNDAMENTO ÉTICO
EM SIMONE DE BEAUVOIR***

Trabalho de conclusão de curso apresentado ao Departamento de Filosofia, da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito parcial para a obtenção do Título de Graduada em Filosofia Plena.

Área de concentração: Ética e Filosofia Política

Orientadora: Prof^ª Dr^ª. Maria Simone Marinho Nogueira

**CAMPINA GRANDE
2022**

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

S586p Silva, Manoelly Rodrigues da.

Por uma moral da ambiguidade [manuscrito] : a liberdade como fundamento ético em Simone de Beauvoir / Manoelly Rodrigues da Silva. - 2022.

41 p.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Filosofia) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Educação , 2022.

"Orientação : Profa. Dra. Maria Simone Marinho Nogueira , Coordenação do Curso de Filosofia - CEDUC."

1. Ambiguidade. 2. Ética. 3. Liberdade. 4. Tomada de consciência. I. Título

21. ed. CDD 111.85

MANOELLY RODRIGUES DA SILVA

POR UMA MORAL DA AMBIGUIDADE: A LIBERDADE COMO FUNDAMENTO ÉTICO EM SIMONE DE BEAUVOIR

Trabalho de conclusão de curso apresentada ao Departamento de Filosofia, da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito total para a obtenção do Título Graduada em Filosofia.

Área de concentração: Ética e Filosofia Política

Orientador: Prof^ª Dr^ª. Maria Simone Marinho Nogueira

Aprovada em: 18/07/2022

BANCA EXAMINADORA

Documento assinado digitalmente
 MARIA SIMONE MARINHO NOGUEIRA
Data: 22/07/2022 08:42:00-0300
Verifique em <https://verificador.iti.br>

Prof^ª. Dra. Maria Simone Marinho Nogueira
Universidade Estadual da Paraíba



Prof^ª. Ms. Amanda Oliveira da Silva
Instituto Federal da Paraíba



Prof^ª. Dra. Gilmara Coutinho Pereira
Universidade Estadual da Paraíba

Dedico esta pesquisa a todas as mulheres que vivem em qualquer situação de opressão e buscam a liberdade não só de si mais de todas, todas aquelas que me rodeiam e me fazem acreditar que é possível um mundo onde mulheres tenham a voz ouvida e acolhida.

“Nada, portanto, nos limitava, nada nos definia, nada nos sujeitava; nossas ligações com o mundo, nós é que as criávamos; a liberdade era nossa própria substância.” (BEAUVOIR, 2020, p. 23)

“Sou livre. E sendo livre carrego a autoridade sobre meu corpo. Angustiante e reconfortante. Minha existência-livre me mostra o paradoxo humano.” (BLACK, 2021, p. 25)

AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar eu quero agradecer a mim mesma, pela insistência, determinação, bravura e responsabilidade com que tracei esses anos de universidade, em um estado longe do meu e de minha família. Foram anos difíceis e uma caminhada longa e determinante para minha construção pessoal e profissional. Cada partilha, cada conquista realizada, foi necessária para que eu não desistisse dos meus objetivos traçados.

Agradeço em especial a minha mãe Maria de Fátima Gusmão uma mulher preta forte e que me ensinou o que é determinação e ao meu pai Marcos Antônio Bezerra que, apesar das dificuldades, acreditaram e não desistiram de mim. Sem vocês e sem meu esforço contínuo esse trabalho não poderia ser realizado.

Agradeço à minha irmã Maryanne Rodrigues que vibra pelas minhas conquistas no mundo.

Agradeço ao meu falecido irmão, Marcos Antônio Junior que partiu antes de poder ver minha realização ser concluída, mas eu sei que ele estaria vibrando aqui comigo também.

Agradeço a Kamyla Rodrigues, onde encontrei o amor Afro-Afetivo e que me ajudou no dia-a-dia nos últimos anos do curso a não desistir e a dar o melhor de mim.

Agradeço aos meus amigos próximos que me ouviram falar todo esse tempo sobre a liberdade e sobre Simone de Beauvoir, às vezes de maneira cansativa, mas que me ouviam e até de forma indireta me ajudaram a melhorar as argumentações e entendimento sobre a autora.

Agradeço também a minha orientadora Simone Marinho, a qual eu tenho tamanho apreço, respeito e admiração, que aceitou de bom grado o convite para orientar meus estudos acerca dessa filósofa.

Com Amor, Manoelly Rodrigues

RESUMO

Esta monografia tem como centralidade a ética de Simone de Beauvoir (1908-1986), filósofa francesa existencialista, romancista, atea, intelectual e teórica feminista. Especificamente no que diz respeito à liberdade, Beauvoir traz em seu livro *por uma moral da ambiguidade* [1947] o cerne de suas investigações, o texto está inserido na primeira fase de sua filosofia. A tese central deste livro, qual é o objeto de estudo desta pesquisa, já nos dá indícios do que pretende Beauvoir em sua ética, que é o de afirmar que há uma ligação do eu-outro, e afirmar essa ligação permite com que se criem leis que abarquem suas subjetividades dentro do coletivo. A liberdade que a autora buscou não só teorizar, mas vivê-la, tem como pressuposto primeiro a ideia de ambiguidade: a condição humana. A autora procura esmiuçar o que entende por essa ambiguidade, o que é necessário para conquistar a liberdade através da aceitação dessa condição humana, os próprios limites que tanto a ambiguidade quanto a liberdade possuem e qual o papel de conquistar a liberdade em um mundo mergulhado na má-fé, na realidade dada e na tentativa de transferir a responsabilidade das ações para o plano metafísico. A transcendência de si no mundo é justamente a aceitação da ambiguidade dessa condição humana que se firma no solo do desvelamento do Ser e do Mundo, tudo isso para que possa viver numa vida autêntica e livre sendo este o fim último de sua filosofia.

Palavras-chave: Ambiguidade. Ética. Liberdade. Tomada de consciência.

ABSTRACT

This monography has as centrality, Simone Beauvoir's ethics (1908-1986), French philosopher, existentialist, novelist, atheist, intellectual and feminist theorist. Specifically, on regards of liberty, Beauvoir brings on her book *The Ethics of Ambiguity* [1947] the core of her investigations, the text is included on the first phase of her philosophy. The central thesis of this book, what is the study object of this research, show us evidences of what Beauvoir intends on her ethics, what is to affirm that there is a connection between me-other and affirming this, allow the creation of laws that cover their subjectivities inside of the collective. The liberty which the author looked for, not only to theorize, but experience it, has as presupposition firstly the idea of ambiguity: human condition. The author looks for to comminute what is understood by this ambiguity, what is necessary to conquer the liberty through the acceptance of this human condition, the limits in what ambiguity as well as liberty have and what is the role of conquering liberty in a world dipped on bad faith, on given reality and on the attempt to transfer the responsibility of the actions to the metaphysical plane. The transcendence of yourself in the world is precisely the acceptance of ambiguity of this human condition that is established in the soil of the uncover of the being and the world. All of this so that you can live an authentic and free life and this is the ultimate end of your philosophy.

Keywords: Ambiguity. Ethics. Liberty. Conscious Awareness.

Sumário

1	INTRODUÇÃO.....	9
2	O DEVIR NA ÉTICA BEAUVOIRIANA.....	14
2.1	A Morte.....	16
2.2	A Falta de ser.....	17
3	A CONDIÇÃO HUMANA COMO PRESSUPOSTO PARA A	
	LIBERDADE.....	20
3.1	O Fracasso.....	21
3.2	A Liberdade.....	24
4	EU E OS OUTROS.....	29
4.1	O Sub-homem e os espíritos de seriedade e do aventureiro.....	32
4.2	Desvelamento do ser e do mundo.....	34
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	37
	REFERÊNCIAS.....	40

1 INTRODUÇÃO

No dia 09 de janeiro de 1908¹ nasce, no norte de Paris, Simone Lucie Ernestine Marie Bertrand de Beauvoir; filha do ateu Georges de Beauvoir e da católica Françoise Brasseur. Seu pai que, mesmo sendo de família de aristocratas com *pedigree*, por não ser o primogênito, não herdaria terras ou o castelo que pertencia à família. Sua mãe provinha de uma família que, mesmo não possuindo a força do nome dos Bertrand, era muito mais rica que a de Georges e ela [sua mãe] possuía um dote que receberia quando se casasse, porém, com a condenação de liquidação do banco de Gustave Brasseur, o pai de Françoise, esse dote nunca foi pago, mas a família, segundo consta Kirkpatrick, “se manteve harmoniosa e esperançosa mesmo assim. Estavam felizes, e sua fortuna parecia segura: Georges tinha uma renda razoável com seu trabalho e sua própria herança” (2020, p. 36)

Simone de Beauvoir em sua infância passava dois meses no campo na casa de parentes do pai e isso plantou nela o prazer e a admiração pela natureza e “ela continuou associando o campo à solidão, à liberdade e aos mais altos picos de felicidade” (KIRKPATRICK, 2020, p. 37) por toda sua vida². Seu pai e sua mãe cultivavam na filha o gosto pela leitura e precocemente já recitava poesias e possuía assinatura para o empréstimo de livros em bibliotecas. A partir dos 5 anos entra na escola católica *Adeline Désir Institut*³, onde conheceu Elisabeth Lacoïn, que Beauvoir chamava de Zaza⁴. Esta sua amizade foi de grande valia para sua vida e é retratada em algumas de suas obras, como *A força da Idade*⁵ [1960] e *os Mandarins*⁶[1954]. Frequentou a Universidade de *Sorbonne Université*, onde cursou filosofia e conheceu seu companheiro de vida Jean-Paul Sartre⁷.

Beauvoir, antes de *O segundo sexo*, tem fortes influências da filosofia fenomenológica. Além disto, é somente no ano de 1972 que a filósofa entra para o movimento feminista, ou seja, no período deste ensaio filosófico cabe separar o movimento feminista da autora até para que

¹ Ano em que escolas estaduais francesas tiveram permissão para preparar jovens mulheres para a universidade.

² Vemos em *A força da idade* como a autora prezava muito seu tempo ao ar livre, suas andanças pelo mundo e sua admiração e contemplação da natureza.

³ Era uma escola particular. Simone de Beauvoir, como dito, não vivia da fortuna dos avós, mas sim daquilo que seu pai adquirira ao longo dos anos com seu trabalho e, assim sendo, não possuía o mesmo nível econômico de suas amigas do Instituto, mas como vivia razoavelmente bem, seus pais optaram por colocá-la nesta escola.

⁴ Particularmente, Zaza foi muito estimada pela filósofa. “Com Zaza, pela primeira vez, ela entendeu o que significava sentir falta de alguém” (KIRKPATRICK, 2020, p. 40). Beauvoir sentiu muito a morte da amiga.

⁵ Segundo dos quatro livros biográficos de Beauvoir que ela conta sua história a partir do ano de 1929 até 1944. Os outros são: *Memórias de uma moça bem comportada*, *A força das coisas* e *Balanço final*.

⁶ Romance ambientado no período entre guerras. A obra fala de sua própria vida, seu romance com um norte-americano, suas discussões filosóficas e seu relacionamento poliamoroso com Sartre.

⁷ Para quem dedicou grande parte de suas obras. Sartre e Beauvoir se tornaram um casal ícone do século XX.

se evite anacronismos. É importante perceber a mudança de escrita e do olhar político-filosófico de Beauvoir após a invasão nazista na França. Antes disso, a filósofa retrata que se via ainda apática do que acontecia no mundo, ela por si só se bastava, os encontros com Sartre, suas leituras, seus escritos possuíam um afastamento da realidade do mundo e é na década de quarenta que sua filosofia ganha respaldo político e real, sua noção de liberdade ganha uma carga que antes era tão somente abstrata, “a ingênua crença na plenitude do ser humano dissolveu-se nas armadilhas da existência” (SANTOS, 2010, p. 114). É com essa Simone de Beauvoir, com consciência tomada, desvelando o mundo e a si, que discutiremos nesta monografia, tomada por uma força de lucidez e empatia, Beauvoir traz sua filosofia e seu escrito para o campo do existencialismo⁸ e o da fenomenologia⁹.

Feitas as considerações sobre a vida e a obra de Beauvoir, passamos à introdução, propriamente dita, da nossa pesquisa. Esta monografia tem como centralidade a ética de Simone Lucie Ernestine Marie Bertrand de Beauvoir ou simplesmente Simone de Beauvoir (1908-1986), filósofa francesa existencialista, romancista, ateia, feminista, intelectual e teórica. Especificamente no que diz respeito à liberdade, Beauvoir traz em seu livro *Por uma moral da ambiguidade* [1947] o cerne de suas investigações, sendo seu segundo ensaio filosófico¹⁰. O texto está inserido na primeira fase de sua filosofia. Sem dúvida é uma escritora fundamental quando se trata não só de gênero, mas da ética e viveu sua filosofia na carne, na sua relação com o mundo e com os outros.

A liberdade moral e responsável que a autora buscou não só teorizar, mas viver, tem como pressuposto primeiro a ideia de ambiguidade: a condição humana. A autora procura esmiuçar o que entende por essa ambiguidade, o que é necessário para conquistar a liberdade através da aceitação dessa condição humana, os próprios limites que tanto a ambiguidade quanto a liberdade possuem e qual o papel de conquistar a liberdade em um mundo mergulhado na má-fé, na realidade dada, na tentativa de transferir a responsabilidade das ações para o plano metafísico. Beauvoir traz para o debate dessa ambiguidade o que a compõe, o êxito e o fracasso e a inevitável relação com o Outro.

⁸ O existencialismo ateu, que influencia diretamente a filosofia beauvoiriana, critica qualquer ideia de inatismo e de qualquer figura metafísica que retire dos seres humanos as responsabilidades de seus atos. Suas reflexões partem do pressuposto ontológico onde não há um modelo a ser seguido de maneira autêntica, pois, todos os seres em suas liberdades individuais precisam escolher, sempre no vir-a-ser aquilo que deseja para sua vida. Que retire deles a escolha moral e política de elaborar projetos para si. Importante frisar que a filosofia de Simone de Beauvoir é existencialista com influências nesta sua primeira fase na fenomenologia.

⁹ Área da filosofia que estuda os fenômenos da consciência. Ressaltamos aqui que a pesquisa não irá se deter à fenomenologia em si, que teve como grandes expoentes os filósofos Edmund Husserl [1859-1938] e Martin Heidegger [1889-1976], mas que se debruçar na obra “Por uma moral da ambiguidade” é, de certo modo, refletir sobre as questões que a própria fenomenologia colocou em questão.

¹⁰ O primeiro foi “Pirro e Cinéias” que trata de elucidar as motivações das ações humanas.

A transcendência de si no mundo é justamente a aceitação da ambiguidade dessa condição humana que se firma no solo do desvelamento do Ser e do Mundo, para que possa ser pensado numa vida autêntica e livre. A responsabilidade em ser livre, requer pensar no Outro pelo seguinte aspecto: não somos sós no mundo, somos sim seres livres, mas nossa liberdade é efetivada quando compreendemos que todos os outros seres também são livres ou possuem a liberdade em sua carne e que a relação do Eu-Outro é imprescindível para que vivamos de forma ética. A liberdade é uma conquista nada fácil, pois, apesar de Beauvoir entender que somos seres livres, pois assim somos colocados no mundo, o entendimento dessa liberdade passa pelo processo de consciência, de desvelamento e isso não é fácil, em um contexto onde a ignorância¹¹ reina.

A tese central de seu livro *Por uma moral da ambiguidade* já nos dá indícios do que pretende Beauvoir em sua ética, seria a investigação de uma moral que afirma a ligação entre existentes que são separados e livres, ou seja, há uma ligação do eu-outro e afirmar essa ligação permite com que se criem leis que abarque suas subjetividades dentro do coletivo e “neste sentido, uma moral humanista prevê a necessidade de união entre os homens naturalmente separados em busca da elaboração de seus valores” (SEUS, 2018, p. 82) é entender que as ações impactam a todos os seres existentes, que o agir por agir ou de forma inconsequente é, antes de mais nada, não aceitar a ambiguidade da existência humana e cabe (re)construir valores que envolvam todos os seres de maneira a atribuir-lhes sentido. Assumir a ambiguidade não é ser passivo, pelo contrário, é entender as oscilações da vida, os limites desta e buscar transcender a si e aos construtos criados como forma a equilibrar os existentes compreendendo os próprios limites da vida humana.

A moral da ambiguidade traz consigo o pressuposto da própria condição humana: a limitação e a ideia de que não existe uma predeterminação antes da existência. É nos limites de como agimos no mundo, tendo em vista a vida de outrem, que nossas ações ganham um peso moral e ético. É nos limites da liberdade que ela por si é praticada e vivida. Não existe um Deus ou um ser metafísico ao qual poderíamos transferir nossas responsabilidades ou que inseriu *a priori* uma essência em nós¹², somos nós mesmos responsáveis e isto delimita o objeto e o sujeito, a liberdade e o ser humano que a executa e pratica. Segundo Viana [2010]:

¹¹ No sentido de falta do conhecimento verdadeiro de que somos livres. É importante ressaltar que a consciência e o desvelamento são pressupostos para uma iluminação no que tange ao conhecimento da verdade do mundo. Verdade aqui se entende como a própria consciência de que se é livre. A educação consciente é a chave para nos libertarmos da ignorância.

¹² A filósofa critica o modelo essencialista humano tão presente no cristianismo. Onde se tem modelos *a priori* do que poderia ser uma “natureza humana”.

A filosofia existencial caracteriza-se, principalmente, por centrar no indivíduo a responsabilidade de sua realização. Desse modo, não aceita conceitos como essência humana, absoluto e universal, cujas noções pressupõem uma anterioridade à existência individual, como fundadores de seus preceitos básicos de busca à resolução de seus problemas. (VIANA, 2010, p. 2)

Beauvoir nos faz questionar qual o sentido de nossa existência e a dos outros; o sentido da liberdade em nossas vidas. Põe em xeque estes três conceitos tão inerentes na construção da sociedade.

Simone de Beauvoir buscou desmistificar tanto a noção de universalidade quanto a tentativa dos filósofos de mascarar a ambiguidade trazendo sempre a noção de universalidade. Para ela “desde que há homens e que eles vivem, todos experimentaram essa trágica ambiguidade de sua condição, mas desde que há filósofos e que eles pensam, a maioria deles tentou mascará-la”. (BEAUVOIR, 2005, p. 10) ou seja, a filósofa propõe em *Por uma moral da ambiguidade* afirmar tanto a ambiguidade quanto a derrubada dos muros universais¹³.

A monografia se divide em três capítulos que buscam refletir sobre conceitos que a autora trabalha no livro, que é a referência principal desta pesquisa, apoiadas em referências secundárias e comentadores fundamentais para o entendimento de Beauvoir. O primeiro capítulo reflete sobre o devir na ética da autora, como o movimento é extremamente importante para entender como se chega à liberdade. Consequentemente a morte está neste primeiro momento, não tem como falar de vida e movimento sem falar no seu cessar. A falta de ser vem para trazer o ar paradoxal que a autora gosta de trabalhar, para ser é preciso fazer falta de. No segundo capítulo trabalhamos a condição humana como pressuposto para a liberdade. Nele buscamos apresentar o que é a condição humana e quais são seus limites, para trabalhar o conceito de liberdade em Beauvoir. Um conceito que não consegue ser trabalhado sem todos os que foram colocados no primeiro capítulo. E no terceiro capítulo refletimos sobre a relação do Eu-Outro na filosofia ética da autora. Pensar na liberdade em Simone de Beauvoir sem abordar a relação com outrem é não ter compreendido sua ética. Portanto, todos os conceitos trabalhados nos capítulos possuem um elo que não poderia ser completo sem explicá-los e essa

¹³ A universalidade possui diversos problemas e a autora compreendeu isto muito bem. Por exemplo, sobre a questão de gênero que ela aborda em 1949 em *O Segundo Sexo*, ao dizer que as universalizações esconderam as mulheres atrás dos homens, tornou-as o Outro destes. “Homens” é assim que a população mundial é chamada, mesmo possuindo mais de sua metade populacional sendo mulheres. A universalização não olha as subjetividades, inclusive dentro do próprio gênero feminino, mas isto é uma discussão para outros trabalhos. Além do mais, quando se universaliza não se coloca em questão que, nem todos são livres, seja por não ter adquirido consciência, seja porque suas condições sociais, econômicas e políticas não os permitem. (Cf. BEAUVOIR, 1967)

relação com outrem é um dos que une a liberdade à consciência. Ser livre sem levar em consideração que nossas ações impactam a todos, é agir contrário à ética proposta por Beauvoir.

Portanto, ao longo desta pesquisa, fizemos levantamentos teóricos secundários para melhor compreender Simone de Beauvoir, mas centralizamos ao máximo o que a própria filósofa nos diz no livro *Por uma moral da ambiguidade* [1947]. Buscamos trabalhar os conceitos ao redor do que a mesma refletiu sobre a liberdade e a ambiguidade, que é a própria condição humana, para desaguar na ética que construiu e buscou viver. Desta forma, a finalidade desta pesquisa foi a de afirmar a existência humana de maneira autêntica através da busca do desvelamento de si e do mundo, saltando do mundo sério e inautêntico, onde a moral é estática e desmembrada da própria construção individual e concreta dos seres humanos, para uma moral que afirma as individualidades dentro da coletividade, isto é, afirma a relação do Eu com o Outro no movimento da vida, sem negar o passado para afirmar-se no presente e projetar-se para o futuro, engajando-se e escolhendo a si.

2 O DEVIR NA ÉTICA BEAUVOIRIANA

Neste capítulo propomos dissertar sobre o devir em Beauvoir e em como este movimento é uma das peças chaves para compreender a liberdade em sua filosofia. O movimento da vida nos mostra que aquilo que nos rodeia não fica intacto ao poder do tempo-movimento. O devir é um conceito caro e extremamente importante para ser discutido ao encarmos as reflexões da filósofa francesa. O devir é inerente à filosofia existencialista como um todo, pois o movimento se apresenta como uma espécie de engrenagem para o engajamento humano. Sem o movimento, a ação não se concretiza e torna-se um puro abstracionismo e a liberdade um conceito sem materialização. Sendo a filosofia de Beauvoir uma filosofia da ação, o devir torna-se imprescindível em sua ética rumo à liberdade. Ela diz:

Para que minha liberdade não corra o risco de vir a morrer [...] é preciso que, dando a si mesma um conteúdo singular, ela vise, através dela, a um fim que não seja coisa alguma, mas precisamente o livre movimento da existência. (BEAUVOIR, 2005, p. 30)

Esse livre movimento da existência permite que a liberdade seja afirmada constantemente. Com isto, cada sujeito é colocado frente a si mesmo e a seu agir no mundo, para que sua liberdade seja movimentada por esse enfrentamento. O ato da liberdade se faz da necessidade destes indivíduos de agirem e encararem a si, como movimentos constantes, ou seja, como sujeitos concretos sempre em construção no mundo.

Entendemos o devir como o segundo dos três alicerces da liberdade: o primeiro seria o pensamento e o terceiro a ação. Sem o movimento, sem essa engrenagem, o pensamento não poderia saltar para a ação. A liberdade necessita do devir. Precisamos entender que, se a vida em sua plenitude fosse um processo estático ou que não carecesse do movimento, a liberdade não poderia aqui ser defendida. Como a escolha será de fato efetivada sem o livre movimento da existência humana? E como essa liberdade, que já faz parte da existência de cada ser humano, pode ser desvelada em um mundo dado?

Esse movimento se apresenta como inerente a toda construção dos indivíduos que passam a existir no mundo quando o desvela, quando tiram do mundo o véu das incertezas que o reveste, o véu daquilo que é apresentado como dado e acabado em si mesmo. A filosofia desde sua tradição contesta um mundo dado e um mundo que não pode ser questionado sequer poderia ser vivido. Heráclito, já há mais de dois mil anos refletia sobre o conceito do devir ao

nos apresentar a metáfora do rio¹⁴. Para Beauvoir, lançar-se no mundo requer este movimento que, não necessariamente modifica a natureza das pessoas, mas que, ao contrário, ajuda a construir aquilo que ela é e acredita, este vir-a-ser é o sendo constante da liberdade da escolha de si mesmo.

Beauvoir nos oferece uma crítica ao niilismo, esse que se depara com o absurdo e o desespero. Para a filósofa, o niilismo traz uma subjetividade vazia, pois, apesar de o ser humano fazer aquilo que lhe apraz, a causa já está de fato perdida, o pessimismo não permite que o movimento da livre existência aceite o êxito e o fracasso que faz parte da vida como um todo. Esse niilismo, essa nadificação das ações, da própria existência no mundo, esvazia o ato de viver, de buscar, de conhecer, pois se o que nos resta é o desespero e a morte, tudo que for feito é como nadar em um oceano vasto sem perspectiva e vislumbre de terra, mesmo que seja uma pequena ilha como objetivo de chegada. O niilista é “séria¹⁵ decepcionada” (BEAUVOIR, 2005, p. 48) decepcionada porque o niilista é recusa do mundo dado, mas é também do ser humano. Desta forma, um indivíduo que toma para si sua liberdade vê no niilista um aliado, mas também um inimigo: ambos criticam o mundo sério, mas o niilista nega e reduz ao nada o ser humano e o mundo.¹⁶

Segundo Beauvoir, “só se escapa ao absurdo do clinâmen escapando ao absurdo do instante puro; uma existência não poderia se fundar se desabasse instante por instante no nada” (BEAUVOIR, 2005, p. 30). A cada vez que a existência se deparasse no nada, toda sua construção e o ponto pelo qual foi fundada perde seu sentido, é visando tanto o que se fez no passado quanto o que se projeta no futuro que a filosofia existencialista se torna movimento. Desta forma, o que se fez e o que se pretende fazer possuem um elo com o instante, para que ele não caia no nada sem sentido¹⁷. Conforme Simone de Beauvoir “o niilista tem razão em pensar que o mundo não possui nenhuma justificação e que ele próprio não é nada; mas ele esquece que lhe cabe precisamente justificar o mundo e se fazer existir legitimamente” (BEAUVOIR, 2005, p. 51)¹⁸. O niilismo nos mergulharia em oceano sem saída, não

¹⁴ No fr 214 de Heráclito, lemos: “Para os que entrarem nos mesmos rios, outras e outras são as águas que por eles correm... dispersam-se e... reúnem-se... juntas vêm e para longe fluem... aproximem-se e afastam-se” (KIRK; RAVEN; SCHOLFIELD, 2010, p. 202).

¹⁵ Beauvoir define o espírito sério como aquele que tenta buscar fora de si as justificações sobre a própria vida e isso desencadeia a má-fé.

¹⁶ Ele recusa os valores dados, mas não encontra importância do fim universal que é a liberdade e este, segundo Beauvoir, é seu erro. É uma espécie de Liberdade indiferente.

¹⁷ Beauvoir muito assertivamente nos traz a noção de tempo e da linha que une o passado ao instante e ao futuro. Logo, negar o passado ou o futuro não tornaria o instante verdadeiramente real.

¹⁸ Pois somos nós que lhe daremos sentido.

conseguiríamos desvelar o ser para Simone de Beauvoir, não conseguiríamos assumir o fracasso e o êxito da ambiguidade humana. Ela acrescenta que:

O criador se apoia nas criações anteriores para criar a possibilidade de criações novas; seu projeto presente abraça o passado e deposita na liberdade por vir uma confiança que jamais desmente. A cada instante, ele desvela o ser visando a um desvelamento ulterior; a cada instante, sua liberdade se confirma através da criação inteira. (BEAUVOIR, 2005, p. 29)

O passado, o agora e o futuro permitem com que haja sentido em fundar projetos individuais no mundo¹⁹. Nenhum deles é solto, possui-se aqui uma ligação que possibilita o engajamento, força motriz para alcançar a liberdade.

A transcendência do ser em Beauvoir rejeita a imanência, enquanto a transcendência afirma o movimento e, com isto, a busca pelo sentido da existência humana, a imanência mergulha os sujeitos no repouso. A falta do movimento é a falta do sentido. Segundo Janaína Dias “A liberdade será definida como o próprio movimento da ambiguidade, pois não capta o ser, mas desvela, sendo assim uma possibilidade que saiu do seu estado natural para ser uma moral, ou seja, ela sai de um estado ontológico para ir em direção ao estado concreto” (DIAS, 2016, p. 77), isto é, o movimento da ambiguidade transporta o ser humano do seu estado natural (dado e biológico) para o moral (construções sociais e construção de si através de seu projeto) e a liberdade se afirma a cada vez que esse movimento da condição humana é desvelado.

2.1 A Morte

O existencialismo se baseia nessa ambiguidade e isto extrapola a noção rasa de que estamos em um mundo afundado no desespero, onde o que nos resta é esperar a morte ou que, por mais que conquistemos coisas neste mundo, nada importa, pois somos um montante de carne à espera do apodrecimento. A afirmação de uma ambiguidade já nos leva à ideia de que na vida há sim a morte, mas que nossas ações não estão colocando esta última como centralidade ou como fim último²⁰. Encarar que a morte é um fato não é pensar nela e viver para e por isso,

¹⁹ Um exemplo disto foi a ditadura militar aqui no Brasil. Onde jovens e militantes lutaram pelo seu fim e hoje, olhando para o passado, vislumbramos um projeto que não abra espaço para que, no instante e no próprio futuro, outra rachadura tão grave quanto esta aconteça novamente.

²⁰ O fim último de nossa existência é a Liberdade.

o existencialismo beauvoireano é realista e, ao mesmo tempo, otimista, no que se refere à vida no mundo, ou seja, não nega a morte, mas também não faz desta o objetivo da vida.

O ser humano, diferentemente de qualquer outro ser vivo, pensa na morte, conhece seus próprios limites diante dela. Quando afirmamos que a ética de Beauvoir é realista e otimista, queremos dizer que ela não nega a morte tão pouco coloca-a em um lugar superior à vida, pois ambas constroem a ambiguidade da natureza humana²¹. Ambas remetem ao devir que faz parte da própria vida, aliás, sem a consciência dessa dualidade, os indivíduos não se situariam no mundo. Tal situação permite com que esses indivíduos não estejam alheios à sua própria existência.

A liberdade é uma pura ação engajada e esse engajamento se pauta na noção de que a ação subjetiva não pode ser sem compromisso consigo e com o mundo²² e de que a morte não é um empecilho para que se viva de forma autêntica. Esse ato de engajar-se e sua autenticidade é o projeto que cada um constrói e realiza para sua vida e este se faz alinhado à consciência subjetiva da liberdade e do movimento que é necessário para realizá-la através das escolhas nas ações propriamente ditas. Beauvoir entende a importância de aceitação que os seres humanos necessitam ter sobre a morte ao dizer que “nem mesmo sua morte é um mal, uma vez que ele só é homem na medida em que é mortal: ele deve assumi-la como um termo natural de sua vida, como um risco implicado por todo procedimento vivo” (BEAUVOIR, 2005, p. 70) ou seja, assumir a morte também é assumir a ambiguidade da condição humana.

2.2 A Falta de ser

A moralidade partirá da necessidade de conhecer o movimento inerente às ações e pensamentos humanos, ao engajamento. Segundo Sartre, “o homem é um ser que se faz falta de ser, a fim de que haja ser” (SARTRE *apud* BEAUVOIR, 2005, p. 16), isto implica em dizer que ele busca ou tende a algo e, nesse processo, reconhece-se também como ser ambíguo, que está sempre em devir. Essa falta de ser, segundo Beauvoir, seria uma maneira de nadificá-lo para que possa ser desvelado, isto é, para que haja o ser e esse ser seja conhecido, pois, “há um tipo de apego ao ser que não é o tipo de relação: querer ser, mas: querer desvelar o ser” (BEAUVOIR, 2005, p. 17) e engajar-se no projeto que faz de si é desvelar a si e ao mundo.

A falta, a busca e então o desvelamento do ser, necessita do devir para que se reconheça a ambiguidade dos seres. É na falta que se entende aquilo que de fato pertence aos indivíduos

²¹ No capítulo II trataremos sobre a ambiguidade.

²² Abordaremos melhor sobre isto no capítulo III.

é na ausência de algo que compreendemos o que de fato o compõe. O futuro e o passado se colocam extremamente necessários para que o presente seja o que se é, pois, “arrancando-se do mundo, o homem se torna presente para o mundo e torna o mundo presente para si” (BEAUVOIR, 2005, p. 17). Essa distância faz-se necessária para afirmação de seu ser em um mundo que, antes dado, agora pertencente ao indivíduo que o desvelou. Beauvoir cita o pensamento hegeliano para demonstrar o que é essa falta de ser:

Em termos hegelianos, poderíamos dizer que há aqui uma negação da negação, por meio do qual o positivo é restabelecido: o homem se faz falta, mas pode negar a falta como falta e se afirmar como existência positiva. Então ele assume o fracasso [...] entretanto, mais do que uma superação hegeliana, trata-se aqui de uma conversão; pois em Hegel os termos superados são conservados apenas como momentos abstratos, ao passo que consideramos que a existência permanece ainda negatividade, na afirmação positiva de si mesma. (BEAUVOIR, 2002, p. 18)

Ou seja, a afirmação de si diante da negação ou da falta do ser não se trata, por suposto, de uma superação e/ou conservação de seu *status quo*, mas sim uma aceitação de sua situação e condição no mundo. Além do mais, Beauvoir acredita que a conservação em Hegel se apresenta como momento abstrato, porém, em sua filosofia existencial, ainda que se possa falar também de conservação, esta não se dá em termos abstratos, pois se trata de assumir o fracasso da própria vida, realizando-se enquanto um ser que carrega consigo a marca da ambiguidade.

Afinal, como a própria Beauvoir afirma, existir de forma autêntica “não é negar o movimento espontâneo de minha transcendência, mas apenas me recusar a perder-me nele” (BEAUVOIR, 2005, p. 18). A transcendência, assim, não é uma superação, mas é a abertura para o futuro; não é superação, pois esta superação remonta uma ideia de falta de elo com a vida vivida no passado; é abertura porque é o olhar para o passado que o indivíduo no agora se abre rumo ao futuro que para ele é incerto, mas que pressupõe o engajamento de seu projeto.

A falta de ser permite que seja dada significância à existência, uma vez que é na falta que buscamos ser, nela que estabelecemos escolher, decidir. Para a filósofa, sub-homens são aqueles que se recusam a entender o movimento da vida, da existência que é fazer falta de ser, lançar-se no mundo. Eles manifestam uma apatia à existência, agem de má-fé²³ “quanto menos ele existe, menos há para ele razões de existir, uma vez que essas razões só se criam existindo” (BEAUVOIR, 2005, p. 41). De toda forma, ela afirma que esse indivíduo ainda existe, até

²³A má-fé no vulgo diz-se da pessoa que agiu com o intuito de prejudicar outrem. Mas no existencialismo a má-fé é a demissão que o ser humano faz de si mesmo, agir de má-fé é agir negando a si.

estabelece certas metas, mas anula os fins últimos de suas ações, reduzindo-as ao nada. Seus atos são meras fugas, ele não se impede de ser presente neste mundo, embora sua presença seja negatizada, seja uma facticidade nua. Ele não se quer, ele se apresenta com desprezo à vida e nos provoca o desprezo por ele.

Sua tentativa de ignorar e estar ausente no mundo é uma escolha e essa escolha se vê diante do fracasso e a negatividade de auto anular-se se apresenta positivamente na angústia que é aflorada neste sub-homem, mas, logo “ele é elevado a refugiar-se nos valores prontos do mundo sério [...] e para ocultar sua indiferença vai se entregar com gosto a violências verbais ou até arrebatamentos físicos” (BEAUVOIR, 2005, p. 42). Esse sub-homem não é inofensivo e suas ações impensadas podem gerar grandes problemas no mundo, este sujeito não tem a responsabilidade para com outrem, suas ações se baseiam na estagnação do mundo dado e enclausurado numa rede moral obsoleta.

Ter indivíduos no mundo que não se dão conta da sua relação com outrem é problemático e vai contra o objetivo de viver autenticamente. Viver autenticamente é fazer falta de ser, é encarar a ambiguidade, é engajar-se. Fazer-se falta, para que *haja* é se afirmar e também é afirmar que “a moral é o triunfo da liberdade sobre a facticidade” (BEAUVOIR, 2005, p. 42). Desta maneira, à existência não se pode atribuir o nada, para que haja liberdade de consciência é preciso compreender que a moralidade exige de nós a clareza de que a facticidade é o oposto da liberdade. Beauvoir salienta “querer-se livre e querer que *haja* ser é uma única e mesma coisa” (BEAUVOIR, 2005, p. 61) e esse é o movimento da vida para a filósofa, já que “é contraditório querer economizar a existência que precisamente só se existe se gastando” (BEAUVOIR, 2005, p. 68). É preciso que se perceba a falta, para que *haja* e, desta maneira, seja alcançada a liberdade. E isso se faz constantemente no livre movimento da existência.

3 A CONDIÇÃO HUMANA COMO PRESSUPOSTO PARA A LIBERDADE

Neste capítulo, buscarei trazer o que a filósofa denominou como a condição humana, a ambiguidade. Esta que nos mostra o fracasso e o êxito como inerentes à própria condição humana e sua situação no mundo. Assumir a ambiguidade permite com que a afirmação de si não seja alheia ao indivíduo, ele faz falta de ser para que haja ser e possibilite a tomada de consciência – segundo a autora seria a partir do momento que o ser humano sai de sua situação infantilizada, de um mundo dado – e de fato compreende a liberdade que já possuímos desde o nosso aparecimento no mundo. Essa tomada de consciência se dá através do desvelamento do ser, pois, segundo a filósofa em apreço: “Minha existência não deve captar o ser, mas desvelá-lo; o desvelamento é a passagem do ser à existência” (BEAUVOIR, 2005, p. 30) e o desvelamento é o descortinamento daquilo que estava escondido e/ou que não se mostrava em sua clareza, seria, assim, a tomada de consciência do Ser que passa a Existir.

Beauvoir traz a discussão a respeito do Ser que passa a existir, desde sua entrada ao mundo até sua tomada de consciência sobre si para, por fim, compreender que sua existência está ligada e carrega a liberdade em suas entranhas. Mas a partir de que momento um ser humano é considerado livre? Desde seu lançamento ao mundo? ou há um outro ponto de partida para que se possa exercer a liberdade-singular? Para ela, os sujeitos que ainda não chegaram a tornar-se existentes, nada mais são que Seres desprovidos de consciência²⁴, sem compreender que ele mesmo é responsável por suas escolhas e ações.

O lançamento do ser ao mundo não é, pois, o ponto de partida do exercício da liberdade²⁵, entendendo a liberdade como a pura ação engajada, como dito no capítulo anterior. Citando a autora em apreço, ela assevera que “Todo homem é originalmente livre no sentido de que se lança espontaneamente no mundo, mas se a considerarmos nessa facticidade essa espontaneidade só aparece para nós como pura contingência” (BEAUVOIR, 2005, pp. 26-27), ou seja, apesar de o ser humano em sua base possuir a liberdade como pressuposto de seu lançamento ao mundo, aquela ainda não representa nada para alguém que não a tomou em sua

²⁴ Este conceito nos mostra que a consciência liberta os seres humanos das amarras da servidão tanto da ação quanto do pensamento, principalmente de achar que a responsabilidade do que lhe acontece está nas mãos de terceiros. A consciência é o que permite a clareza de pensamento. Ela coloca os seres humanos no campo da responsabilidade ontológica e moral de suas ações.

²⁵ Visto que o ser humano só é livre quando toma consciência de suas ações. Aqui cabe a máxima Sartreana “A essência precede a existência” (SARTRE, 1970, p. 8), ou seja, primeiro somos lançados no mundo e só quando nos escolhemos e traçamos o projeto de nossas vidas que a essência é formada, Sartre parte do ponto das subjetividades. Para ele “os homens [Seres humanos] não é nada, ele é aquilo que ele faz” (SEUS, 2018, p. 10).

plena consciência. Esta liberdade se torna um conceito longínquo ou vazio, tornando-se contingencial.

A tese central do livro, *Por uma moral da ambiguidade* é a investigação de “uma moral da ambiguidade que se recusará a negar *a priori* que existentes separados possam ao mesmo tempo estar ligados entre si e que suas liberdades singulares possam forjar leis válidas para todos” (BEAUVOIR, 2005, p. 21), ou seja, é a afirmação de um Eu singular inserido no meio coletivo, sem negar essa sua singularidade e sem negar também os outros, pois ambos possuem uma ligação, a moral os une. A moralidade permite com que o agir destes tenha uma base responsável para com o outro em cada escolha. O eu individual age de acordo com suas escolhas e a moral delimita²⁶ essas escolhas²⁷ para que não acarrete no fim da humanidade, pois a ação impacta o mundo inteiro.

A ambiguidade é mascarada por alguns filósofos e “esta dissimulação colocada pela tradição filosófica só prolonga o sofrimento de não assumir a real condição do ser” (DIAS, 2016, p. 75). É preciso reconhecer essa dissimulação e extrapolá-la para que a verdade seja instaurada e para que os seres humanos tenham uma vida autêntica, esta vida autêntica se concretiza na medida em que o ser que se reconhece como falta, ou seja, toma consciência de si, admite sua ambiguidade, desvela o mundo e se torna partícipe não mais alienado deste. Querer se livre, neste aspecto, nada mais seria do que compreender sua própria condição. Portanto, a aceitação da ambiguidade leva os sujeitos rumo à liberdade.

3.1 O Fracasso

Quando é admitido a ambiguidade como inerente à natureza humana, a liberdade torna-se um dos alicerces desta natureza humana, pois a ambiguidade e a liberdade, de fato, são aquilo que compõe o ser humano, como urdumes de um tecido, estas duas se entrelaçam formando aquilo que é o ser humano. Mas para que a liberdade seja de fato vivida, é preciso a assunção da situação no mundo, é preciso admitir, sem passividade, que na vida haverá êxito e fracasso, que na vida há também a morte, para que se entenda a liberdade situada, isto é, uma liberdade que encontra seus limites em si mesma e no ser humano que a pratica.

²⁶ Delimitar no sentido de que a liberdade não é o agir sem responsabilidades. Delimitar também pela própria condição humana em seus limites, a morte e a vida, o êxito e o fracasso, são delimitação da existência humana.

Segundo Janaína Días (2016), em sua dissertação de mestrado²⁸, a liberdade seria uma maneira de redesenhar no fracasso outras formas para conquistar a existência que amiúde falta no ser. Isto permite que o pensamento, o movimento e a ação se firmem como um tripé para que seja afirmada a ambiguidade. Encarar a ambiguidade é olhar para a verdade de frente e “é do conhecimento das condições autênticas de nossa vida que é preciso tirar a força de viver e razões para agir” (BEAUVOIR, 2005, p. 15). Logo, não se trata de superar o fracasso, mas de assumi-lo. Trata-se, deste modo, de trazer a noção da ambiguidade para a afirmação de si no mundo, como escreve a filósofa francesa: “arrancando-se do mundo, o homem torna-se presente para o mundo e torna o mundo presente para si.” (BEAUVOIR, 2005, p. 17). A ideia de ambivalência, em que para se sentir pertencente a algo é preciso sair deste algo, é mostrada por Beauvoir brilhantemente, de forma a se perceber como a condição humana é paradoxal e como a negatividade de algo implica em sua afirmação. Ela busca o sentido do Ser no mundo, não meramente o que é este Ser, e com isto revela a condição ambígua da natureza humana: viver, por exemplo, é estar ciente da morte. O êxito implica também no fracasso ou na consciência deste. Segundo Beauvoir os seres humanos são “senhores da bomba atômica” e acrescenta que:

[...] Ela no entanto não é criada senão para destruí-los; cada um deles tem nos lábios o gosto incomparável de sua própria vida, no entanto cada um se sente mais insignificante que um inseto no seio da coletividade cujos limites se confundem com os da terra. (BEAUVOIR, 2005, p.15)

Essa limitação é imprescindível na ética de Beauvoir. É interessante e paradoxal pensar que a condição e liberdade humanas possuem limites, mas é isto que propõe a autora a partir do momento em que o ser humano tem em suas mãos a arma que pode dizimar centenas de pessoas e que foi o próprio ser humano quem a criou, que ele percebe os limites de sua própria vida e se vê diante da fragilidade que possui seu corpo no mundo. É aceitando o fracasso que nos distanciamos de si e é com esta distância – *Falta de ser* – que acontece o encontro de si mesmo – *Haja ser* – ou seja, o ser humano “só se encontra na medida em que consente permanecer à distância de si mesmo” (BEAUVOIR, 2005, p. 18) não se trata de evitar o fracasso, mas de aceita-lo e com isto transcende-lo, “portanto, qualquer indivíduo que busca atribuir um sentido a sua existência busca transcender a si mesmo a todo o momento, ou seja, tal indivíduo faz suas escolhas e se projeta no mundo, para, assim, alegar a legitimidade de sua existência.” (MOTTA, 2018, p. 43)

²⁸ Ambiguidade e liberdade na filosofia moral de Simone de Beauvoir, 2016.

No capítulo anterior quando falamos sobre o movimento, indicamos que o que é de estático pode ser qualquer coisa, menos a filosofia de Beauvoir e disto se segue o que ela apontou como a resignação ou noção abstrata da liberdade, “Quando um esforço fracassa, declaramos com amargura que perdemos nosso tempo, desperdiçamos nossas forças; o fracasso condena toda porção de nós mesmos que havíamos engajado nesse esforço.” (BEAUVOIR, 2005, p. 29) mas não a ideia é de não olharmos para esse fracasso como uma barreira que nos impede de seguir com nosso projeto, pelo contrário, é pelo esforço de tentar superar esse fracasso que nos colocamos como seres livres e dispostos a enfrentar a vida e suas oscilações²⁹.

A singularidade do projeto dá conteúdo para aquilo que fundamos para nossa vida e fugir do fracasso ou teme-lo é tornar morna a busca pela nossa liberdade e isso é um desacordo com a própria ideia de liberdade, ou seja, assumir o fracasso é um movimento que nos leva na direção dessa liberdade. O passado não impede que novas perspectivas sejam criadas, pelo contrário, é através dele que se cria, que se modela novos rumos para a vida e para aquilo que construímos. Se ignorarmos o passado, o próprio instante se torna vazio e desconexo. E é com o desvelamento³⁰, que a transcendência é ligada às metas fundadas a partir do passado e do que estar por vir. Agir sem ter um fundamento ou sem haver sentido útil é, para a filósofa, mais intolerável que a fadiga; “uma liberdade só pode se querer sem se querer em movimento indefinido” (BEAUVOIR, 2005, p. 31), ela precisa ter conteúdo e utilidade e tanto a definição quanto a utilidade só são feitas pela singularidade do projeto.

Cabe aqui trazer o que seria a revolução, que em sua própria construção é movimento e luta, essa luta é a positividade da ação dos sujeitos, é a liberdade sendo afirmada, olhando para o passado, inserido no instante do agora, visando um futuro que seja diferente do que foi vivido e/ou do que lhe foi dado. A ideia de fracasso e êxito é o Norte que guia a natureza humana e permite destruir situações dadas como, por exemplo, negar que no auge da decadência humana, seres humanos foram julgados inferiores e sem inteligência por sua cor e etnia; o fracasso possibilita o olhar sobre esse passado e passa a entendê-lo como passível de mudanças no futuro³¹.

²⁹ Ela cita, ainda neste capítulo, o exemplo dos estoicos que pregaram a indiferença, ou seja, a anulação do poder dos indivíduos sobre suas próprias escolhas: “se uma porta se recusa a abrir-se, aceitamos não abri-la, e eis-nos livres”. Segundo ela, isto é uma forma de esvaziar a própria noção de liberdade.

³⁰ Veremos mais sobre este ponto no capítulo posterior.

³¹ E quando em determinados casos, a situação dada no passado e que não pode ser mudada no futuro, o entendimento disto não está mais numa posição estéril, pois foi tomada a consciência disto.

E não poderia ser outra corrente filosófica, que não o existencialismo³², que daria conta de compreender o fracasso no sentido positivo da condição humana, para Beauvoir é:

Apenas o existencialismo [que] concede, como as religiões, um lugar real ao mal; e é talvez o que faz com que o julguemos tão sombrio: os homens não gostam de se sentir em perigo. No entanto, é porque há um verdadeiro perigo, verdadeiros fracassos, uma verdadeira danação terrestre que as palavras vitória, sabedoria ou alegria têm um sentido. Nada está decidido de antemão e é porque o homem tem algo a perder e que ele pode perder que ele também pode ganhar. (BEAUVOIR, 2005, p. 33)

O existencialismo não maquia, não tenta esconder e também não coloca fora do ser humano o fracasso, pelo contrário, o existencialismo beauvoiriano coloca a mostra a condição humana ambígua: o ser humano é quem funda a si e a seu próprio futuro, é ele quem lhe dá sentido. Sendo assim, o fracasso torna-se um conceito se não abraçado, reiterado à existência humana através do existencialismo.

3.2 A Liberdade

Para dar início a este ponto faz-se necessário trazer uma das objeções que se dão ao existencialismo, segundo Beauvoir “uma das principais objeções dirigidas ao existencialismo é de que o preceito ‘querer liberdade’ é apenas uma fórmula oca e não propõe nenhum conteúdo concreto para ação. Mas o problema é que começaram esvaziando a palavra liberdade de seu sentido concreto” (BEAUVOIR, 2005, p. 67-68) e a liberdade, se realiza no mundo concreto, logo, ela não está deslocada dele. É no engajamento, em como nos inclinamos para aquilo que desejamos que fará de nossa ação uma ação propriamente livre. Sem a relação da liberdade com o mundo, a ação é meramente vazia de significados.

A liberdade ontológica³³ é afirmada quando se aceita a condição humana, Beauvoir nos traz uma liberdade que não pode ser separada da nossa relação com o mundo. É necessário assumi-la e entendê-la como parte inerente de nossa própria construção, além de compreendê-

³² “Um dos pressupostos da filosofia beauvoiriana é recusar qualquer natureza preestabelecida e fazer com que o indivíduo assuma unicamente a sua própria existência no mundo, sem qualquer tentativa de mascarar sua condição, para, assim, tal indivíduo superar a si mesmo a todo instante” (MOTTA, 2018, p. 43).

³³ “Vemos que a liberdade ontológica da pensadora francesa é colocada como trabalho constante na sua situação, ou seja, como cultivo de um retomar e recriar deste estar enraizado em um movimento que constitui o indivíduo subjetivamente e simultaneamente constitui os pontos de partida a serem retomados pelos outros” (TEIXEIRA, 2018, p. 403).

la como um fazer-se incessantemente³⁴. “No pensamento de Simone de Beauvoir são observados dois pilares fundamentais de sustentação: um positivo, que é a assunção da liberdade e um negativo, que é a demissão desta condição de ser livre.” (VIANA, 2010, p. 3), ou seja, a demissão nos coloca no lugar de não movimento, pois, aceitar o que é dado, se demite da busca pela transcendência desse dado; assumir é superar esse dado, é construir a si, é reivindicar a liberdade intrínseca ao ser humano. Essa assunção é o movimento, é o devir da ética beauvoiriana.

Beauvoir vislumbra um futuro em que a liberdade seja vivida como ela compreende. Diz que:

Talvez seja permitido sonhar com um futuro em que os homens não conhecerão outro uso de sua liberdade que não este livre desdobramento dela mesma: uma atividade construtiva seria possível para todos, cada um poderia visar positivamente seu futuro através de seus projetos. [...] todo homem transcende a si mesmo. Mas ocorre que esta transcendência seja condenada a recair inutilmente sobre si mesma porque é apartada de suas metas. (BEAUVOIR, 2005, p.69)

Ela sabe que uma ação engajada, consciente, ou seja, livre, precisa ser traçada por um projeto que não se desvincule da meta que ele almeja chegar. Não é uma ação por uma ação, mas é uma ação que encare a vida em sua complexidade, onde o objetivo seja traçado e buscado de maneira a seguir rumo à moralidade. Apartar a transcendência do ser humano de suas próprias metas também é demitir-se de sua liberdade

A liberdade aqui apresentada por Beauvoir é uma liberdade engajada, carregada da responsabilidade humana moral de se situar no mundo ao lado de outros seres humanos. “O sujeito só se mantém livre pelo movimento próprio em confirmar-se livre. A confirmação da liberdade é o movimento ontológico que o sujeito empreende e é constituído por dois momentos: o de desvelar-se e o de desvelar o dado do mundo” (VIANA, 2010, p. 6). Abrir mão disso é se tornar servo das amarras de uma vida estática, inautêntica e sem verdade, pois, “falar em ser livre, para Beauvoir, é falar de um ser que realiza o movimento intencional de desvelamento de si e do dado do mundo, o qual é composto de dois momentos intencionais.” (VIANA, 2010, p. 7).

Segundo Viana (2010) esses dois momentos intencionais são: o primeiro quando o ser se desvela do dado do mundo e no segundo momento o ser quer ser esse dado desvelado e disso segue-se que o ser humano se vê angustiado pelo fracasso de não o ser, mesmo afirmando sua

³⁴ A liberdade não se realiza e se finda, ela está na constante do realizar-se.

existência e é entre um momento e outro, que acontece a escolha ontológica e com isto “o fracasso de não ser o dado desvelado [converte-se] em sucesso pela confirmação de perceber-se um ser desvelado.” (VIANA, 2010, p. 7). Ao perceber que não é o dado do mundo o ser experimenta a angústia do fracasso, pois, ele mesmo é uma possibilidade de, e, sendo assim, ele busca por sua liberdade e por dar sentido a sua existência.³⁵

Quando o ser humano que desvelou a si e ao mundo, percebe que foi necessário fazer *falta de ser* para que houvesse ser e aceita sua condição humana e sua situação no mundo, se depara com sua liberdade que necessita de cada escolha moral que refletirá no mundo todo, esse ser humano é pura negatividade. E essa negatividade mostra ao ser humano livre, que sua existência tem origem naquilo que ele funda para si mesmo. Desta maneira, “Negar o ser (dado) para afirmar-se livre está na raiz de seu retorno ao primeiro momento intencional” (VIANA, 2010, p. 10). Demitir-se de existir, isto é, negar que o ser é falta de ser, que o ser é negatividade com relação ao dado, é abrir mão da própria liberdade.

A liberdade pode aqui ser associada a uma revolta. Revoltar-se é não aceitar aquilo que foi nos mostrado como algo natural e que, portanto, não pode ser modificado. Segundo Beauvoir “para evitar essa revolta, uma das artimanhas da opressão será camuflar-se em uma situação natural: já que de fato não poderíamos nos revoltar contra a natureza” (BEAUVOIR, 2005, p. 71). É uma revolta por que o ser humano que toma consciência das opressões sociais, das desigualdades, não aceita servir a estes condicionamentos naturalizados e encucados nas mentes humanas desde a fase infantil. E com esta revolta, o ser humano faz o movimento da consciência de si e do mundo.

Assumir a Liberdade é, pois, uma ação política³⁶, visto que, para assumi-la, faz-se necessário negar construtos enraizados na sociedade humana. É ação política porque requer engajamento, requer pensar em si e nos outros. Para projetar-se rumo ao futuro, necessita levar na bagagem o passado³⁷ e transcendê-lo no presente. É no presente que afirmamos nossa liberdade, é no aqui e no agora que o projeto que os homens e as mulheres fazem de si são propriamente realizados. Beauvoir afirma que “querer a existência, querer desvelar o mundo, querer os homens livres é uma única vontade” (BEAUVOIR, 2005, p. 73), pois todas essas

³⁵ O dado do mundo também existe, mas ele não busca por sua liberdade e nem por dar sentido a sua existência. O dado existe como forma de inibir a verdade. De tal maneira que perpetua as desigualdades do mundo, tornando natural determinadas ações que nada mais são que a afirmação da má-fé.

³⁶ “É apenas na luta social e política que a transcendência supera ao infinito” (BEAUVOIR, 2005, p. 74).

³⁷ “Afastemo-nos do passado, e dele não restará mais nenhum traço nem no presente nem para o futuro” (BEAUVOIR, 2005, p. 77) E essa bagagem do passado não é leve e nem fácil, mas necessária, pois, “o passado é um chamado, um chamado rumo ao futuro que por vezes só pode salvá-lo se o destruir” (BEAUVOIR, 2005, p. 80).

ações estão ligadas entre si, ou seja, querer a liberdade individual é afirmar a existência individual, é tirar o véu que cobre a verdade do mundo e é querer que os outros também sejam livres. Para ela não é moral querer sua própria liberdade e não querer a do outro³⁸.

A autora entende que “a urgência da libertação não é a mesma para todos” (BEAUVOIR, 2005, p. 74) pois, o que para alguns pode ser uma exigência moral, para outros é uma urgência necessária. Para uma população a urgência se faz para que eles possam ser ingressados na sociedade como cidadãos, o racismo é a prova da urgência em buscar a liberdade. Ou seja, a filósofa descarta que a liberdade é um conceito universal e unilateral. A universalidade torna as coisas abstratas e sua ética afirma uma existência concreta com mulheres e homens concretos que possuem especificidades.

As opressões possuem outras faces que estão para além da nossa realidade vivida, existem grupos de pessoas que sofrem opressão de gênero, outras que sofrem de gênero e de raça, outras que sofrem por possuírem deficiências físicas etc., então, se as opressões são múltiplas, com qual destes inimigos precisamos lutar para que a liberdade de todas e todos possam ser efetivadas? Para esta pergunta, Beauvoir tem a resposta, segundo ela “a questão aqui é política antes de ser moral: é preciso fazer com que toda opressão seja abolida; cada um deve conduzir sua luta em ligação com os outros e integrando-a a desígnio geral” (BEAUVOIR, 2005, p. 75). Percebemos que antes de ser universal é singular³⁹, ou seja, a autora parte da indução a respeito das opressões individuais ou de um número menor de pessoas para chegar a leis universais.

O objetivo último do ser humano deve ser a liberdade, uma liberdade que não se perca no limiar de sua própria limitação, pois, “a causa a que ele serve [os oprimidos] não deve se encerrar sobre si mesma, criando um novo elemento de separação: através de sua própria luta ele deve servir à causa universal da liberdade” (BEAUVOIR, 2005, p. 76). É preciso transcender a si e ao projeto criado, pois, se o ser humano acha que chegou em sua plenitude por conseguir atingir sua liberdade, mesmo que outros seres não o tenham, ele não atingiu a essência desta liberdade, esvaziou-a, ela perde sentido e legitimidade.

Ora, sendo o ser humano negatividade pura, ele é, por sua ambiguidade, também positividade pura, pois ao afirmar sua liberdade amíude a cada escolha feita, a cada decisão

³⁸ Um exemplo disto podemos ver nos movimentos sociais, como o da população preta em que, na atualidade, fazem o movimento de democratização do conhecimento, isto é, mulheres e homens pretos que estão na academia buscam levar seus conhecimentos com linguagens mais acessíveis para que as massas reflitam sobre sua condição no mundo. Sobre racismo, sobre sexismo e tantas outras pautas que até então só eram discutidas no meio acadêmico. Isto é uma forma de querer livre a si e aos outros.

³⁹ E isto, segundo a autora, depende também da oportunidade e da eficácia.

tomada, a cada projeto construído e realizado, ele afirma sua existência no mundo, uma existência autêntica, com significados que ele próprio criou, que ele próprio estabeleceu para si. E o indivíduo percebe que não se trata em se fechar em um termo fixo, não se trata em tornar-se absoluto, visto que é no fazendo de si que ele percebe o movimento de sua existência e sendo assim, ele próprio rejeita tudo aquilo que o tente possuir ou contê-lo, tudo que o oprime e o impede de viver livremente. Sendo, portanto, a busca pela liberdade a afirmação total e contínua de si no mundo, sem as amarras da servidão para ditar o que fazer, o existente livre se vê diante de um mundo onde seus projetos são essenciais para a construção de uma moral válida para todos e que esse todo seja atingido diretamente por suas escolhas.

4 EU E OS OUTROS

Neste ponto falaremos sobre a perspectiva de Beauvoir no que se refere à “dialética” da ação do Eu com a ação dos outros, isto é, falar em liberdade da ação significa falar de algo que se compromete inteiramente com os seres humanos que estão no mundo. A liberdade não é a ação sem compromisso e/ou deliberada, pois, como já afirmamos, o próprio engajamento exige responsabilidade. A relação do Eu com o Outro nos mostra que não estamos sós no mundo e que a coletividade também é um guia para a moralidade. A moral da ambiguidade, como dito no capítulo anterior, é certamente o entendimento de que somos seres separados, mas que existe algo que nos une e isso permite com que forjemos leis válidas para todos. Segundo Beauvoir “Para indignar-se, para admirar, é preciso que os homens [seres humanos] tenham consciência da liberdade dos outros e de sua própria liberdade” (BEAUVOIR, 2005, p. 24).

Beauvoir rompe com a noção universalista que andou lado a lado com a tradição filosófica. Vemos isto, por exemplo, na sua teoria de gênero⁴⁰, ao perceber que o homem sempre foi visto como universal e a mulher como o Outro deste e essa universalização submetia às mulheres a um papel de inferioridade, passividade, apagamento histórico, político, social e intelectual. A universalidade ignora as subjetividades, os traços únicos de cada um, além de não permitir com que a liberdade singular seja captada. Ao universalizar o ser humano, o processo de desvelamento do mundo e do ser – que é individual para depois desaguar na coletividade – não faria sentido. O rompimento com essa tradição faz com que qualquer tentativa de trazer a essência antes da existência seja aniquilada. Não há um Deus que criou um modelo de ser humano e o encucou em nossas mentes, para que seguíssemos este modelo. Só há o nós na concretude da vida.

Ao colocar os seres humanos como senhores responsáveis por suas escolhas e ações, sem terceirizar essa responsabilidade, sem transferir a um Deus o destino de si, sem abdicar ou agir de má-fé culpando um Outro sobre o fracasso⁴¹ ou êxito de sua vida, afirma-se a vida e as ações singulares que, inevitavelmente, estão ligadas nas ações de outrem, pois, “é apenas na existência de outros homens que o homem pode encontrar uma justificação para sua própria existência” (BEAUVOIR, 2005, p. 63). Quando o indivíduo admite a autonomia de seus comportamentos ele renuncia

⁴⁰ Cf. *O segundo sexo*, I e II.

⁴¹ E este só é na própria vida, é no fazer da vida que fracassamos.

A buscar fora de si mesmo a garantia de sua existência, ele também se recusará a crer em valores incondicionados que se ergueriam como coisas transversais a sua liberdade; o valor é este ser fracassado cuja liberdade se faz falta e é porque essa se faz falta que o valor aparece; é o desejo que cria o desejável, e o projeto que estabelece o fim. (BEAUVOIR, 2005, p. 19)

E, tendo a si como alicerce, o ser humano se vê diante da angústia e desamparo que é ter a si mesmo como ‘Deus’, “ele carrega a responsabilidade de um mundo que não é obra de uma potência estrangeira, mas dele mesmo, e no qual se inscrevem tanto suas derrotas quanto suas vitórias” (BEAUVOIR, 2005, p. 20).

Para SEUS, a filosofia Sartreana tem relação com a filosofia de Beauvoir e a respeito do que ambos pensam do Eu-Outro ela pontua que para Sartre

O homem está condenado a ser livre, pois, ao escolher uma ação, ele está escolhendo por toda humanidade. Isso ocorre porque, ao agir, o sujeito cria a figura do homem que quer ser e, conseqüentemente, concebe a imagem de homem que ele julga ideal. Por isso, o homem é responsável não apenas por si mesmo enquanto indivíduo, mas pela humanidade como um todo. Toda ação que ele executar poderá servir de exemplo ou de modelo para os demais homens. (SEUS, 2018, p. 10)

Ou seja, toda ação humana se espelha na própria humanidade, sendo a ação uma escolha inevitavelmente moral, os seres humanos livres são condenados à liberdade, pois sabem da responsabilidade que ela possui, visto que, não afetará apenas a ele, mas a todos e disto ocorre que, sendo sua ação uma espécie de modelo a ser seguido, ela deve estar em concordância com o bem-estar da coletividade.

É preciso dar conteúdo à nossa liberdade, é preciso construir o projeto de nossa vida baseada na noção de que existem outros diferentes que habitam o mesmo ambiente e que a liberdade individual não pode querer o seu fim. Somos livres a partir do momento que entendemos também a liberdade do outro. É exatamente por termos a consciência de que a causa de nossas ações é construída por nós mesmos que damos à liberdade um conteúdo singular e engajado.

É interessante pensar como a relação do eu e do outro é imprescindível na filosofia de Beauvoir e em como ela não pode ser pensada em um mero solipsismo. Segundo Dias [2016] “este outro precisa ser reconhecido, no entanto não somente como conhecido, mas como parte de mim e o Eu deve também ser reconhecido como parte do outro” (DIAS, 2016, p. 84). Se apenas a subjetividade fosse colocada como fator único para agir de forma deliberada e livre, a moral seria imposta de um Eu subjetivo a outro e ocorreria um choque de vontades, faz-se

sempre necessário lembrar que “a relação eu-outrem é tão indissolúvel quanto a relação sujeito-objeto” (BEAUVOIR, 2005, p. 63).

Encarar a importância dos outros na construção individual coloca o ser humano no patamar que supera o individualismo ou solipsismo. Segundo Beauvoir “Somente o homem pode ser inimigo para o homem, somente ele pode lhe furtar o sentido de seus atos, de sua vida, porque cabe somente a ele confirmá-lo em sua existência, reconhecê-lo efetivamente como liberdade” (BEAUVOIR, 2005, p. 70). É nas relações com o outro que de fato o sentido da vida é então validado: isso significa que apesar de estabelecermos o sentido de nossa vida, se não houver um outro ele se perde? Sim, de certa forma sim, pois sem um outro que olhe nossos feitos, nossos erros e acertos, qual o valor dessa realização? Beauvoir nos envolve na inerência que tem nossas ações com as ações dos outros⁴², na liberdade propriamente efetivada através do reconhecimento daqueles.

A ética de Beauvoir não é uma ética que isola as ações individuais, visto que é na relação com outrem que de fato os projetos são efetivados, que a liberdade é alcançada; a moral da ambiguidade “pressupõe a constituição singular de cada ser, para, a partir de suas particularidades, estar conectado sempre em relação com o outro” (DIAS, 2016, p. 75), ou seja, não nega primeiramente o individual, a busca pela liberdade singular, mas traz consigo a necessidade da relação com o outro, e segue-se que, “é preciso, portanto, em todos os casos respeitar a liberdade dos outros homens e ajudá-los a liberarem; uma lei como essa impõe limites à ação e, ao mesmo tempo, ela logo lhe dá um conteúdo” (BEAUVOIR, 2005, p. 54). Impõe limites no sentido moral, pois, se se imagina fazer tudo que sem tem vontade isso pode afetar negativamente outros seres humanos, e lhe dá conteúdo, pois lança os sujeitos na elaboração de um projeto para si.

O que deve sempre ser lembrado na moral beauvoiriana é que “nenhum homem pode se salvar sozinho” (BEAUVOIR, 2005, p. 55), o projeto de cada um é único, mas não estamos sós no mundo, necessitamos do outro para afirmar nossa existência, para salvá-los da servidão e/ou para sermos salvos desta. O outro é tão importante como nós somos para nós mesmos e isso se dá porque “se o eu verdadeiramente fosse tudo, não haveria nada ao meu lado, o mundo seria vazio, não haveria nada a ser possuído e eu mesmo não seria nada” (BEAUVOIR, 2005, p. 61), não haveria para onde ir ou o que conquistar, tudo estaria perdido ou carecia de qualquer tipo de significação⁴³. A nossa existência é marcada pelo nosso aparecimento no mundo ainda como

⁴² Salientamos que é primeiramente afirmada a existência individual e posteriormente a dos outros.

⁴³ Vemos em *Pirro e Cinéias*, logo no início a conversa de ambos sobre o por que sair se em breve voltará e, por fim, a resposta é a de que saímos para conquistar. Na vida, quando construímos nossos projetos, o que pretendemos

um ser que precisa se desvelar, quando tomamos consciência “vemos que nenhuma existência pode se realizar validamente se se limitar a si mesma; ela solicita a existência de outrem” (BEAUVOIR, 2005, p. 59) e, desta forma, nossa liberdade se afirma todas as vezes que agimos por nós e também pelo mundo. Ser livre traz a ideia moral de que juntamente com a liberdade vem a responsabilidade que nos situa no mundo e não nos deixa agir de maneira pueril e desvinculada da realidade concreta. Beauvoir diz:

se renegarmos a tensão subjetiva da liberdade, interditamo-nos evidentemente de querer universalmente a liberdade num movimento indefinido[...] toda meta é ao mesmo tempo um ponto de partida e a liberdade humana é o último, o único fim a que o homem deve se destinar. (BEAUVOIR, 2005, p. 45)

Querer a si livre é querer os outros livres num movimento contínuo e autêntico e este “homem autêntico reconhece nos outros homens a valoração do mundo, percebe que querer ver a si mesmo agir livremente é querer não ferir a liberdade do outro” (SEUS, 2018, p, 12), e com isto, o fim último da existência humana deve, pois, seguir rumo à liberdade.

4.1 O Sub-homem e os espíritos de seriedade e do aventureiro

Beauvoir reflete sobre alguns seres que impossibilitam o movimento da livre ação. Seres esses que ela categorizou com a nomenclatura de “espíritos”. Segundo ela, esses “outros” no lugar de nos fazer refletir e/ou nos liberar das amarras da servidão, engessam os dados do mundo fazendo da vida uma falta, tornando-a inautêntica. Aqui falaremos de forma breve sobre o sub-homem, os espíritos de seriedade e do aventureiro. Sub-homens são aqueles que se recusam a entender o movimento da vida que é fazer falta de ser para lançar-se no mundo. Já o espírito de seriedade nega a si mesmo ao aceitar o mundo dado. E o espírito aventureiro precisa de outrem para afirmar sua existência, nunca de si mesmo.

O sub-homem ao se negar se positiva na angústia⁴⁴, essa atitude do sub-homem traz à tona o homem sério⁴⁵ que “se abole em proveito da coisa” (BEAUVOIR, 2005, p. 43). O homem

é conquistá-los. Desejamos conquistar um bom emprego, um bom salário, além do mais, desejamos reconhecimento de outrem conosco, essa relação é necessária para que nossos esforços sejam validados, não porque não o validamos, mas porque a relação eu-outrem define os projetos.

⁴⁴ Vemos que o ser humano é acometido da angústia tanto quanto ele se faz falta de ser, se desvela e percebe que não é o dado do mundo e se vê na angústia do fracasso, quanto quando se nega e se vê angustiado por essa positividade inautêntica.

⁴⁵ O espírito de seriedade.

sério se perde nos valores que seriam insubordinados, mergulha no poço de uma moralidade que ele mesmo não ajudou a construir⁴⁶ e, assim, abdica de si mesmo. Quando a liberdade é renegada⁴⁷ o que podemos ver é a seriedade de um ser humano. Segundo Beauvoir, o homem sério buscar caracterizar o que é “útil” a um sentido absoluto, mas “nada é útil se não for útil para o homem, nada é útil para o homem se este não estiver em condições de definir seus próprios fins e seus próprios valores, se não for livre” (BEAUVOIR, 2005, p. 80), por isto que é necessário definir a meta, os objetivos dos projetos, é preciso dar sentido a eles e isso só se faz de maneira autêntica sendo livre, saindo da rigidez de um mundo tomado pelo desespero de transferir para outrem, ou para as coisas, o sentido da vida.

O espírito aventureiro não procura ser, ele apenas se faz falta de ser. Ele não espera justificação nas coisas a respeito de suas escolhas; não afirma sua existência solitariamente, precisa sempre de outrem. Ele partilha da indiferença ou desprezo niilista. Ele [o aventureiro] não se pode fazer vencedor sem ser um tirano; cai na servidão do objeto, pois precisa de fortuna, de meios para conquistar aquilo que almeja, ele se vê acorrentando no objeto, desfocando o sujeito como centralidade das questões sociais, faz do sujeito um objeto para conquista.

Dito isto, o sub-homem e o espírito sério são positivos, eles tomam o mundo objetivo, dado e acabado em si mesmo, como real⁴⁸. O aventureiro vê a vida como algo desprezível e ao mesmo tempo busca fazer de pessoas meros objetos⁴⁹ a conquistar e busca também nos objetos o fim último de sua existência. Todos eles abdicam da real responsabilidade dos seres humanos que é desvelar o mundo para agir de forma livre, para possibilitar a abertura perante o futuro. Não experimentam a negatividade que permeia a ambiguidade humana. Negatividade esta que é pura afirmação da própria vida, que é a aceitação desta ambiguidade, sem evitar inclusive seu fracasso. Esquecem que é no próprio ser humano que estão as justificações da vida, que são eles próprios que constroem seus projetos, seus objetivos, dando sentido paralelamente ao projeto dos outros, sempre em um movimento que vai do em-si partindo até o para-si, de maneira a nunca estarem parados, buscando a transcendência de si e na continuidade do desvelamento de si e do mundo. Estes seres humanos que negam e evitam a própria condição humana não se abrem para a busca da autenticidade da ação engajada que permeia a vida livre em sua plena situação. A liberdade e a situação para o homem sério, para os espíritos de

⁴⁶ Este espírito aceita sem pestanejar os dados do mundo pronto que lhe são alheios, aceita a moral vigente, nega a si, por não desvelar o mundo, vive como se não tivesse saído da fase infantil, pois as crianças também seguem um dado pronto.

⁴⁷ A liberdade não está em conformidade com o espírito sério.

⁴⁸ Um mundo encerrado e fechado em si mesmo, ou seja, sem mobilidade.

⁴⁹ E isto o leva no caminho contrário ao da libertação das amarras de um mundo dado.

seriedade e para o aventureiro, não são vistas como inerentes uma à outra. Assumir a condição humana é afirmar a prevalência da liberdade na situação em que cada ser humano se encontra.

4.2 Desvelamento do ser e do mundo

Para entendermos a importância do outro na nossa construção enquanto existentes, para chegarmos no entendimento da liberdade, é necessário que tomemos consciência desvelando a si e ao mundo. A tomada de consciência dá luz à liberdade. Segundo Beauvoir:

A criança escapa normalmente à angústia da liberdade, ela pode ser a seu gosto, indócil, preguiçosa, seus caprichos e seus erros só dizem respeito a ela, eles não pesam sobre a terra[...]ela pode fazer tudo o que quiser, sabe que nada jamais acontecerá através dela, tudo já está dado; seus atos não engajam nada, nem mesmo a ela própria. (BEAUVOIR, 2005, p. 36)

Nesta fase da vida humana, o indivíduo se vê diante de um mundo já dado, porém desconhecido. Este ser necessita absorver a complexidade do que é sua própria existência e do que lhe rodeia, entendendo que, apesar de o mundo estar aí, a construção e o desvelamento de seu Ser estão em suas próprias ações dentro deste mundo, ou seja, o ser humano que passa por essa construção de consciência não mais se vê em um mundo dado alheio a si, nem estagnado na natureza. Neste sentido, Beauvoir salienta que “é a adolescência que aparece como o momento da escolha moral” (BEAUVOIR, 2005, p. 39) e aqui a escalada da tomada de consciência avança, como a consciência-de-si hegeliana. A noção da própria liberdade e da coletividade começa a mostrar-se na adolescência⁵⁰, segundo a pensadora francesa. Aqui estabelece-se também a moral como o fator preponderante para a tomada de consciência em sua completude, para assim compreender-se enquanto um existente livre, ou seja, “Querer o desvelamento do mundo, querer-se livre, é um único e mesmo movimento” (BEAUVOIR, 2005, p. 25).

A revolta, o espanto, são traços que indicam a saída desse mundo dado infantil, que aconteceria na adolescência, onde se descobre sua subjetividade e a do outro. Na fase da adolescência o indivíduo se vê diante da necessidade de escolher e decidir, seus atos pesam tanto quanto dos outros seres adultos. Desaba-se o mundo sério, ou seja, liberta-se⁵¹ de um dado

⁵⁰ Salientamos que, segundo a própria autora, há adultos que não tomaram consciência de si e ainda estão localizados na fase infantil, aquela que vê o mundo apenas como um dado estagnado. Entendamos, pois, a adolescência como um mero parâmetro de obtenção da consciência posterior a fase da infância.

⁵¹ E essa libertação carrega em si o seu fardo. Pois, entender que somos nossos próprios senhores e que nossas ações são de responsabilidade de nós mesmos traz consigo a angústia e o desespero. Angústia por não ter um Deus a quem transferir nossas responsabilidades e desespero porque todo o projeto de vida e escolhas cabe tão somente a nós mesmos traçar e seguir.

que não construiu. “o adolescente se encontra lançado no mundo que não está mais pronto, está por fazer, exposto a uma liberdade que nada mais subjuga, desamparado, injustificado.” (BEAUVOIR, 2005, p. 38) E é na adolescência que há a escolha moral. E ele [o ser humano] precisa tomar atitudes em relação ao mundo⁵². Alguns seres humanos adultos vivem nesse mundo infantil da servidão e ignorância, então, no caso, ser ignorante para Beauvoir é não se aperceber de si no mundo e não desvelá-lo, ou seja, não captar que o que nos é dado não é absoluto. Eles podem até exercer sua liberdade, mas é num mundo dado que não fora construído por ele, uma espécie de uma ação impensada, um agir automático.⁵³

Beauvoir tem fortes influências da fenomenologia, como dito na introdução desta pesquisa, e o conceito do desvelamento tem uma particular relação com o que Heidegger diz sobre o *Dasein*. Segundo cita Teixeira, sobre o conceito do desvelamento, trata-se de:

Uma qualificação que Simone de Beauvoir faz do movimento ambíguo do existir que incorporamos quando viemos à existência, identificado precisamente por Eva Gothlin como influência da fenomenologia existencial de Heidegger. [...] Beauvoir faria uso do conceito heideggeriano de *Erschlossenheit*, traduzido no francês por ‘*dévoilement*’, dado por Heidegger na sua definição do ente humano como *Dasein*, onde se diz que “O *Dasein* é seu desvelamento [*Das Dasein ist seine Erschlossenheit*]” (HEIDEGGER, *apud* TEIXEIRA 2018, p. 401)

O mundo é revestido de significações humanas e cabe a este *Dasein* desvelá-lo. O movimento feito aqui é o de assumir a ambiguidade humana e a assunção dessa ambiguidade permite com que os valores e significações sejam construídos e a todo tempo transcendidos. E através disto cria-se a possibilidade da abertura para o futuro.

Segundo Beauvoir, o erro e a ignorância são fatos inelutáveis como muros de uma prisão. Escravos, por exemplo, em sua situação, veem-se limitados na afirmação de sua liberdade. Mas caso haja possibilidade de uma libertação, não a explorar é uma demissão⁵⁴ da própria liberdade, que implica a má-fé, uma falta positiva⁵⁵. A má-fé, nada mais seria que negar a possibilidade de transcendência e a esta só se alcança pelo desvelamento do ser. E desvelá-lo

⁵² O interessante é que as conversões estão impregnadas em nós de tal forma que é difícil transpô-las com nossas ações engajadas e o mundo nos manda de volta ao lugar de agir conforme fomos moldados por ele, sendo cada vez mais improvável escapar de suas amarras.

⁵³ Ou seja, uma vida inautêntica. Uma liberdade forjada.

⁵⁴ A demissão acontece quando abrimos mão do que somos, abrimos mão da responsabilidade de si e da busca pela liberdade.

⁵⁵ Como foi dito anteriormente a respeito dos espíritos aventureiros, da seriedade e do sub-homem, que não agem querendo de fato desvelar a si e ao mundo, num movimento contínuo e de construção constante, eles se positivam nesta negação. Não assumir que o ser humano é faltoso é tentar afirmar de forma vã e falsa a existência dele, ou seja, ao agir de má-fé, abdicando suas escolhas, suas singularidades, o ser humano se torna “positivo” e essa falta positiva não é moral ou ética para a existencialista.

coincide no desvelamento do mundo, no entendimento de que existem outros sujeitos que constituem seus projetos individuais e então o ser humano passa a perceber que “nenhum projeto se define a não ser por sua interferência com outros projetos” (BEAUVOIR, 2005, p. 62).

O desvelamento do ser possibilita a abertura ao futuro e a negação da facticidade. É no desvelamento que a ideia do eu inserido no mundo com outros torna-se consciência, ao desvelar a si e ao mundo o indivíduo percebe-se como a alteridade dos que compõe o mundo com ele. Essa relação do eu-outro não é passiva, gera tensões, guerras, violências, mas compõe a ambiguidade do ser humano. A tensão, as guerras e a violências geram movimento. Geram revoluções, mudança nas leis, cuidado com a natureza etc. Mas quando se desvela o ser e o mundo, aparecem novas possibilidades de interações e com isso a transcendência. Nunca se volta ao mesmo ponto da forma que saiu, tudo que foi conquistado vai moldando e se efetivando como condição humana do indivíduo em suas experiências. A autenticidade é rebeldia e revolta perante os projetos essencialistas de mundo. É necessário desvelar, descortinar, tirar o véu que cobre o mundo em sua verdade e depois fazê-lo consigo mesmo, para que a existência autêntica seja afirmada no solo da responsabilidade da liberdade conquistada. Nessa conquista, que é um vir-a-ser constante, visto que, não se finda os movimentos humanos, não se finda os seus projetos, suas conquistas, sua condição. Condição de ter êxito ou fracassar é inerente à vida. Este seria o único aspecto “inato” que a filósofa Simone de Beauvoir acredita que há na condição humana: a inerência de seu paradoxo.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nós vimos como a ética de Beauvoir se movimenta no campo da ação, do engajamento, mostrando uma atitude onde coloca de fato os seres humanos no centro de suas próprias realizações a partir de uma moral que os torna senhores de sua própria vida. Neste sentido, podemos perguntar: “uma tal moral é ou não é um individualismo? Sim, se com isto entendermos que ela concede ao indivíduo um valor absoluto e que só nele reconhece o poder de fundar sua existência” (BEAUVOIR, 2005, p. 125). A filósofa francesa nos mostra uma ética que visa como fim último a liberdade humana, que busca uma vida autêntica e de forma alguma nega a existência e a liberdade dos outros na sociedade humana. Para que haja uma moral que seja válida para todos é preciso que seja afirmada a ligação inerente que temos com os Outros, pois não estamos sós no mundo e esta noção nos possibilita transcender. Para que haja liberdade é preciso que tomemos consciência de nossa condição humana, que é a nossa ambiguidade. Não se trata de negar o fracasso e o êxito, nem de aceitá-los de maneira passiva e cega, mas de consenti-los⁵⁶. É na afirmação de que há na existência a morte, a dor, a tristeza, a vida, a alegria, a felicidade etc., que compreendemos que tudo isso faz parte da complexidade humana e de suas oscilações. Mas para isso, precisamos sair de nossa fase infantil e do mundo sério; neste mundo, abdicamos de nós mesmos em prol da coisa, seguimos uma moral que não ajudamos a construir.

Querer-se moral, querer-se livre, querer que os outros sejam livres, querer a autenticidade da existência humana, são um único e mesmo movimento. É de fato primordial entender o devir em Beauvoir que vimos no primeiro capítulo. O movimento, como dito, é o segundo dos três alicerces de sua liberdade, sendo o primeiro o pensamento e o terceiro a ação. É o movimento que nos afirma a própria vida. A imobilidade não seria capaz de lidar com a força da liberdade humana. A tomada de consciência, que seria o pensamento, precisa do movimento para agir, é com a tomada de consciência que podemos nos movimentar para a prática, a ética beauvoiriana é da ação, pois, sem ação tudo não passaria de um abstracionismo barato e desnecessário. É preciso fazer *falta de ser para que haja ser*: é preciso se movimentar no mundo para entender que fazer-se falta para que haja, afirma a vida e sua autenticidade. O devir é o que nos permite olhar para a morte, não como algo devastador, mas algo que faz parte dos movimentos existenciais.

⁵⁶ “isso não significa que se deva consentir o fracasso, mas deve-se consentir lutar contra ele sem repouso” (BEAUVOIR, 2005, p. 126).

A afirmação da ambiguidade humana, como vimos no segundo capítulo, é necessária para que haja a tomada de consciência a fim de desvelar o ser e o mundo. O mundo é cheio de significados e pegando emprestado da fenomenologia, cabe ao *Dasein* desvelá-lo. Evitar essa condição é agir de má-fé, é negar o que é uma existência autêntica e é viver de forma irreal. O ser humano tem em sua condição a ambiguidade. O êxito e o fracasso são partes inerentes dos seres humanos no mundo. Portanto, negá-los é negar a própria condição do ser humano. Muitos filósofos ao longo da tradição filosófica tentaram camuflar essa ambiguidade, principalmente o fracasso, e isso fez com que ele fosse recebido por tantos como algo que não fazia parte dos existentes. Afirmar o fracasso permite que o ser humano o receba e tente transcendê-lo. Isto que é o ser humano, transcendência de si. Ao afirmar essa condição com a tomada de consciência, afirma-se de fato o fim último da humanidade. Esse fim último é inerente ao ser humano, mas necessita dessa tomada de consciência, ou seja, do desvelamento, é segundo Beauvoir, a finalidade de toda existência humana, a liberdade. Ser livre requer autonomia, requer a afirmação da existência em sua totalidade, em sua condição paradoxal e ambígua.

Além do mais, ter consciência de si no mundo, ter consciência de sua liberdade, só atinge sua máxima quando também temos ciência de que os outros que nos rodeiam também precisam adquirir a consciência de que são livres. Nessa relação do Eu-Outro abordada no terceiro capítulo vimos a necessidade do Outro na construção de nossos projetos, de nossos engajamentos, pois, aqueles que acreditam na liberdade, mas acham que esta não deve envolver outrem, isto é, que a consciência da liberdade não necessita da liberdade de todos⁵⁷, mergulhariam no que a autora chamou de atitude estética⁵⁸ onde “aquele que adota pretende não ter com o mundo nenhuma outra relação que uma relação desinteressada; fora do tempo, longe dos homens, ele se põe diante da história, à qual não acredita pertencer” (BEAUVOIR, 2005, p. 65). A atitude estética, desta maneira, rejeita uma parte importante da filosofia beauvoiriana, a relação com o Outro e a sensação de pertencimento da própria história. Sem o Outro a nossa própria liberdade recairia na inautenticidade. É com a sensação de pertencimento e a relação com o outro que nossa liberdade ganha sentido e direção, para nós nos engajarmos no nosso próprio projeto.

Cada ser humano é parte do todo que forma a sociedade humana. A má-fé acometida por um pode afetar toda a estrutura. Nossas escolhas afetam aos demais, portanto, a ética da ambiguidade de Beauvoir afirma que nossas ações engajadas não só nos afetam, não diz respeito

⁵⁷ A própria ética de Beauvoir, não se sustentaria. O outro é parte fundamental.

⁵⁸ Segundo Beauvoir essa atitude é uma maneira de fugir da verdade presente.

apenas a nós mesmos em termos singulares, ela visa ao bem de todos, visto que a filosofia beauvoiriana não é um solipsismo “uma vez que o indivíduo só se define por sua relação com o mundo e com os outros indivíduos” (BEAUVOIR, 2005, p. 125). Ela rejeita a universalidade no sentido de que ela [a universalidade] nega as especificidades, inclusive, da tomada de consciência, de nossa situação no mundo, mas ao mesmo tempo, Beauvoir entende que são nas ações particulares que afirmamos a perpetuação da vida na terra e por isto faz-se necessário haver uma moral que vise a todo mundo; uma moral que não negue o passado e que vislumbre um futuro em que possamos sempre nos projetar a partir do que aconteceu no passado, melhorando erros, ampliando os acertos, conscientes no presente para que o rumo de nosso projeto seja sempre visando à toda a humanidade e sua liberdade.

Desta forma, refletimos sobre uma liberdade concreta, em que sua busca não visa nada para além da própria vida humana em sua condição e situação, sabendo que o ser humano ao assumir a liberdade “ele a assume por um movimento construtivo: não se existe sem fazer; e também por um movimento negativo que recusa a opressão para si e para outrem.” (BEAUVOIR, 2005, p. 126). Uma liberdade autêntica que, inclusive, vem com a angústia, pois, ter consciência de que não há um Deus em que possamos transferir a responsabilidade sobre nós, que somos totalmente responsáveis por nossas próprias ações, escolhas, fracassos, de certo, nos acomete a angústia de não termos um ser metafísico para lhe transferir nossas responsabilidades com a vida na terra. Ser autêntico é se revoltar contra o essencialismo, o inatismo que retira a autonomia de si mesmo. Sem a inautenticidade de uma vida séria, os seres humanos tomados de consciência, e que descortinaram a si e ao mundo, passam a dar sentido a sua própria vida, construindo-a ao modo que desejar com os pés fincados numa moral que permita uma ética da responsabilidade em prol da liberdade coletiva que é de extrema importância para que não nos esqueçamos que somos parte de um todo que luta e merece se desprender de qualquer amarra opressora que queira destruir a humanidade.

REFERÊNCIAS

BEAUVOIR, Simone de. **A força da idade**. Trad. Sérgio Millet. Ed. 6. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2018. (Coleção clássicos de ouro)

BEAUVOIR, Simone. **O Segundo Sexo: A experiência vivida**. Trad. Sérgio Millet. ed. 2a. São Paulo: Difusão Europeia do Livro, 1967.

BEAUVOIR, Simone de. **O segundo Sexo: Fatos e mitos**. Trad. Sérgio Millet. ed. 4a. São Paulo: Difusão Europeia do Livro, 1970.

BEAUVOIR, Simone de. **Por uma moral da ambiguidade seguido de Pirro e Cinéias**. Trad. Marcelo Jaques de Moraes. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2005.

BLACK, Manu. **O Tempo Urge**. João Pessoa: Triluna, 2020.

DIAS, Janaína. A. O. **Ambiguidade e liberdade na filosofia moral de Simone de Beauvoir**. (Dissertação Mestrado). Pós-Graduação em Filosofia, Universidade federal do Ceará, instituto de cultura e arte. Fortaleza, 95 f., 2016. Disponível em: <https://repositorio.ufc.br/bitstream/riufc/19339/1/2016_dis_jaodias.pdf> Acesso: 19 de setembro de 2021.

KIRKPATRICK, Kate. **Simone de Beauvoir: uma vida**. Trad. Sandra Dolinsky. São Paulo: Planeta Brasil, 2020.

KIRK, G. S; RAVEN, J. E; SCHOLFIELD, M. **Os filósofos Pré-Socráticos: História crítica com seleção de textos**. Trad. Carlos Alberto Fonseca. ed.7. Lisboa: Fundação Calouste. 2010.

MOTTA, Lucas Joaquim. A relação entre ambiguidade, liberdade e condição humana em Simone de Beauvoir. **Revista Filogênese**. v. 11, São Paulo, 2018. Disponível em <<https://www.marilia.unesp.br/Home/RevistasEletronicas/FILOGENESE/a-relacao-entre-ambiguidade-liberdade-e-condicao-humana-em-simone-de-beauvoir.pdf>> Acesso em: 15 mai. 2022.

SANTOS, Magda Guadalupe. Simone de Beauvoir: “Não se nasce mulher, torna-se mulher”. **Sapere Aude - Convite ao Pensar**. Belo Horizonte v.1 - n.2. 2010 .p.108-122. Disponível em: <<http://periodicos.pucminas.br/index.php/SapereAude/article/view/2081>> Acesso: 15 dez. 2021.

SARTRE, Jean-Paul. **O existencialismo é um humanismo**. Trad. Rita Correia Guedes. Fonte: L'Existentialisme est un Humanisme, Les Éditions Nagel, Paris, 1970.

SEUS, Beatris da Silva. **Simone de Beauvoir e a libertação da mulher: do existencialismo sartriano à moral da ambiguidade**. (Dissertação de mestrado) Pós-Graduação em filosofia, Universidade federal de Pelotas. Pelotas, 101., 2018. Disponível em: http://guaiaca.ufpel.edu.br:8080/bitstream/prefix/5518/1/BEATRIS%20DA%20SILVA%20SEUS_Dissertacao.pdf Acesso em: 10 fev. 2022.

TEIXEIRA, Nathan Menezes Amarante. Querer-se livre e querer-se moral é só e mesma decisão: Beauvoir e a ética da ambiguidade. **Amargosa**, v. 17, n. 01, p. 398-412, junho, 2018.

VIANA, Márcia Regina. Liberdade e existência: os movimentos do existir em Simone de Beauvoir. **Revista estudos Filosóficos**. São João Del Rei, v. 5, p.118-129, 2010. Disponível em:<<https://www.ufsj.edu.br/portal2repositorio/File/revistaestudosfilosoficos/art9-rev5.pdf>>Acesso em: 31 mar. 2022.